

Estado de Mato Grosso
Secretaria do Estado de Educação
Universidade do Estado de Mato Grosso
Campus Universitário de Pontes e Lacerda

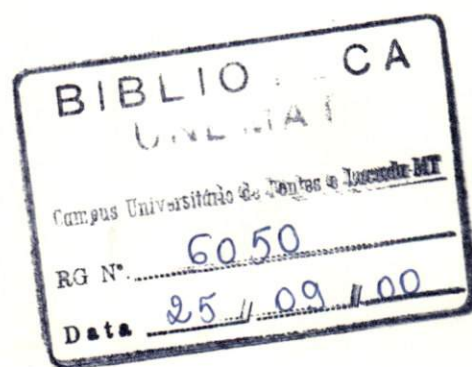
Ex 1
C 92573295

UNEMAT
Campus Universitário de Pontes e Lacerda - MT
BIBLIOTECA

Uma tensão entre os lugares discursivos do sujeito

Gilda José de Freitas

85142
F862m



Pontes e Lacerda
2000

Estado de Mato Grosso
Secretaria do Estado de Educação
Universidade do Estado de Mato Grosso
Campus Universitário de Pontes e Lacerda

Uma tensão entre os lugares discursivos do sujeito

Ensaio Monográfico desenvolvido
no Estágio Supervisionado de
Língua Portuguesa e Literaturas no
VIII Semestre do Curso de
Licenciatura Plena em Letras da
Universidade do Estado de Mato
Grosso - Campus Universitário de
Pontes e Lacerda.

Pontes e Lacerda (MT)
2000

*“Ler é saber que o sentido pode ser
outro”. (Eni Orlandi).*

Para a minha mãe,
Arlinda Maria de Freitas,
que acompanhou todo o meu
percurso escolar, me apoiando
nas dificuldades e se alegrando
com as vitórias .

AGRADECIMENTOS

Ao término deste Curso de Letras, desejo expressar minha gratidão à Deus primeiramente, que me deu forças para vencer essa etapa da minha vida, a todos que me ajudaram, principalmente minha irmã Genilda e meu noivo Marco Antônio, pois eles me prestaram auxílio de várias naturezas. Dentre eles, é de estrito dever distinguir o nome da minha amiga e orientadora - *Marlene Flores de Souza* - , pelas valiosas sugestões, empréstimo de livros, estímulo e permanente companheirismo.

Sumário

I - Apresentação-----	7
II - Constituição discursiva do sujeito-----	10
III - Conhecendo a história e o sujeito-----	20
IV - Agora é tudo ou nada-----	23
V - A espera do veredicto final-----	27
VI - Considerações finais-----	32
VII - Referências bibliográficas-----	33
VIII - Anexos-----	35

APRESENTAÇÃO

O discurso não é um conjunto de textos, é uma prática. Para se encontrar sua regularidade não se analisam seus produtos, mas os processos de sua produção. (Orlandi, 1993).

Para o último trabalho científico de graduação escolhi para análise o discurso realizado pelo Prefeito Décio Cipriano Maniçoba em Pontes e Lacerda no dia do Impeachment. Esse Impeachment ocorreu no dia 25 de agosto de 1999, antes os vereadores haviam instaurado uma C.P.I (Comissão Parlamentar de Inquérito) devido as irregularidades ocorridas no mandato do Prefeito e com o apoio e aprovação da maioria da população lacerdense o veredito final foi pela cassação do seu mandato.

Me colocando no papel de pesquisadora analisei os lugares enunciativos que se constituem o sujeito Prefeito (Décio C. Maniçoba) e o sujeito cidadão (Décio C. Maniçoba).

Inicialmente o que levou a escolha desse tema foi essa questão do Impeachment, pois todos os brasileiros viveram essa situação quando ocorreu o Impeachment do Presidente Fernando Collor de Melo, isso foi só o começo, depois dele Prefeitos também tiveram os seus mandatos cassados.

Outro motivo que levou a busca desta análise é o que podemos chamar de “senso comum”, ou seja, algo que todos observam e compreendem de algum lugar (empírico) sem ter uma comprovação teórica ou científica à respeito.

Isso foi o que pude observar no dia da cassação do prefeito, o povo na rua fazia uma distinção entre os lugares enunciativos do discurso do prefeito, ora Prefeito, ora Décio (cidadão), porém sem nenhuma cientificidade. Sendo assim busquei comprovações teóricas sobre os sujeitos, o lugar de onde fala e todos os aspectos que envolve o discurso no momento em que é proferido, todavia para analisar esse processo em que os sujeitos se constituem é importante comprovar cientificamente os dados empíricos.

Trabalhei com dados referidos pela Análise do Discurso (AD) teoria essa que “mobiliza questões referentes à constituição do sujeito e do sentido” (Gallo, 1995).

Dentro da AD, encontrei subsídios para análise, entre eles estão a linguagem, o sujeito, o discurso, o apagamento, a individualização e o deslocamento.

Na perspectiva da análise do discurso, tomar a palavra “é um ato social com todas as suas implicações, conflitos, reconhecimentos, relações de poder, constituição de identidades, etc. (Orlandi, 1993) A palavra oral e escrita, bem como todos os símbolos semióticos constituem a linguagem, sendo que para a interação do sujeito com a sociedade ele faz uso desses signos linguísticos.

O sujeito quando usa a linguagem se apropria dela de forma individual, pensa ser a fonte exclusiva do seu discurso, sem saber que de uma forma ou outra retoma sentidos que já existiam. Nessa apropriação da linguagem o sujeito toma o lugar do outro se colocando como o “eu” no discurso, assim o enunciador é a perspectiva que esse eu constrói e assume o lugar enunciativo do “tu” apropriando-se do discurso do outro. A isso a AD chama de “apagamento”. Outro fato importante é que no momento em que ocorre o apagamento do sujeito, ocorre também o deslocamento e a individualização do sujeito, pois ele acredita construir sozinho,

sentindo-se “realçado em sua especificidade de ser racional que manipula instrumento tão hábil e sem limites: acredita criar linguagem” (Orlandi, 1983) .

CONSTITUIÇÃO DISCURSIVA DO SUJEITO

Para falar do “Discurso” e tudo o que o envolve, discorrerei primeiramente sobre a interação social, ou seja, a interação do homem e o meio em que vive, para que haja essa interação social o homem faz uso da linguagem, onde ele desenvolve as suas funções mentais e até habilidades técnicas, transformando a natureza e a si próprio.

Toda a relação humana é mediada por sistemas de signos, esses signos permitem através da linguagem falada e escrita a “comunicação”. Quando o homem faz uso desses signos, ele tem a possibilidade de influenciar os outros e de ser influenciado por eles, como exemplo temos a palavra, pois o homem tem o poder de fazer com que elas digam mais e outras coisas além das que lhes são convencionadas, por isso é que o homem tem uma capacidade quase ilimitada de criar e utilizar os sistemas de signos.

A palavra é um signo neutro, mas a partir do momento em que ela é constituída de valores ideológicos, sendo esse um processo constante na linguagem, ela, a palavra, deixa essa neutralidade e passa a ter valores relativos à sua força expressiva. Enquanto os outros sistemas de signos, como os religiosos, os jurídicos e os políticos são específicos e algum campo particular da criação da ideologia, ou seja, tem uma função ideológica, o sistema de signos lingüísticos não tem uma especificidade ideológica particular.

Segundo Pino quando o sujeito faz uso de signos lingüísticos, ele trava uma luta, e é nessa arena, onde o sujeito se relaciona com o outro, e existe o confronto de diferentes sentidos e que se dá o discurso.

Diante do fato de que o discurso ocorre através da interação do sujeito com o outro, estarei buscando nas teorias, como a Análise do Discurso, comprovações científicas para uma futura análise.

A teoria da Análise do Discurso (AD) teve sua força centralizada nos países europeus, principalmente na França com a escola francesa de análise do discurso, essa escola primava por uma certa tradição intelectual, onde se unia a reflexão sobre o texto e sobre a história.

“A AD nasceu tendo como base a interdisciplinaridade, pois ela era preocupação não só de lingüistas como de historiadores e de alguns psicólogos”

(Brandão, p.17)

Segundo Brandão na AD encontramos a articulação do lingüístico com o social e percebemos que o campo da AD se estende para outras áreas do conhecimento, essa extensão da expressão “análise do discurso”, provoca a necessidade de delimitar o campo da AD. Inicialmente definiu-se a AD como o estudo lingüístico das condições de produção de um “enunciado”, mas tarde viu-se a necessidade de observar não só as condições de produções, mas o quadro das instituições em que o discurso é produzido, os aspectos históricos e sociais e o espaço próprio do sujeito no discurso.

A ideologia e o discurso são dois grandes aspectos que influenciaram e influenciam a corrente francesa de AD, por isso se torna difícil falar em ideologia sem falar em discurso e sujeito, ^{Pois} por o sujeito faz parte de instituições como a igreja, a escola, a família e etc. ^{Dentro dessas} instituições o sujeito adquire uma maneira de pensar, escolhendo assim um “ideal” de vida, mas vale lembrar que essas instituições estão recheadas da ideologia dominante, ou seja, ideologia da classe dominante que manipula toda a sociedade.

“Sabemos que entre o homem e a Instituição, numa relação em que o poder e a ideologia são as constantes, os sentidos balançam entre uma permanência que às vezes parece irremediável e uma fugacidade que a avizinha do impossível.” (Orlandi, 1993 - p. 12).

O sujeito é ideológico, pois pensa ser origem do seu dizer, sem verificar que os sentidos já existem e o sujeito só faz repeti-los. Observando que o sujeito não é dono do seu dizer e que o “dizível” é o “repetível”, é preciso então que se faça uma repetição histórica, ou seja, que se trabalhe a memória. A memória busca o repetível, portanto essa repetição se dá através do domínio do saber, mas não o saber abstrato e imaterial e sim, histórico, buscando a produção de outro sentido. O histórico no campo da memória não é visto somente como datas, fatos, evoluções e etc, mas sim como produção de significados, sentidos e principalmente o lugar e como esses sentidos são produzidos, pois só assim haverá a possibilidade de se produzir outros dizeres a partir daquele, deixando o conhecimento empírico, para buscar comprovações históricas e científica de todo o saber discursivo.

(Segundo Orlandi os efeitos da ideologia produz no sujeito o pensamento que ele é único e que o sentido é transparente, sendo assim tudo funciona como evidências, no entanto essas evidências são produzidas pela ideologia, para que se tenha uma “posição” é preciso considerar todo o processo em que o sujeito se constitui e toda essa materialidade do sentido.)

Todo discurso do sujeito é produzido em função de um determinado lugar e de um determinado tempo, de acordo com Brandão a fala do sujeito é o espelho de representações históricas e sociais, pois ele é orientado socialmente e situa todo o seu discurso no discurso do outro.

“Todo sujeito (orador) experimenta o lugar do ouvinte a partir de seu próprio lugar de orador, constituído pelo jogo das formações imaginárias (a imagem que faz de x , de si mesmo, do outro)” (M. Pêcheux, 1988).

Sendo assim cada orador sabe o que o ouvinte espera dele, e faz uma antecipação do que o outro vai pensar, isso faz parte de todo discurso, pois o orador tende a transformar ou identificar-se ao ouvinte.

Na perspectiva da teoria da enunciação o sujeito se caracteriza como a fonte da linguagem apropriando-se dela, colocando a si mesmo como “eu” e ao seu parceiro na produção do discurso como “ tu”, é esse encontro dos interlocutores que ocorre a transformação, pois quem produz o discurso transforma o ouvinte e a si mesmo. É importante lembrar que o ouvinte também produz sentido. Nessa relação do sujeito com o outro, que se evidencia que tanto o “eu”, como o “tu” são sujeito, sendo assim quando o sujeito se coloca como “eu” ou “tu” ele adquire sua identidade se caracterizando como o sujeito que produz sentido.

“O discurso ocorre quando o destinador envia uma mensagem ao destinatário. Para

ser operante, a mensagem requer antes um contexto ao qual ela remete (é isto que chamamos também, em uma terminologia um pouco ambígua, o “referente”) , contexto apreensível pelo destinatário e que é verbal ou suscetível de ser verbalizado em seguida a mensagem requer um código, comum, ou ao menos em parte, ao destinador e ao destinatário (ou, em outros termos, codificador e ao decodificador da mensagem). A mensagem requer, enfim um contexto, um canal físico ou uma conexão psicológica entre o destinador e o destinatário, contacto que permite estabelecer e manter a comunicação”. (Jackbson p. 213.214).

Partindo desse pressuposto compreendemos que para existir entendimento entre os interlocutores é preciso que eles tenham códigos lingüísticos comuns, ou seja, pertençam a um mesmo grupo social.

Para a produção do discurso se passa antes por dois processos que dão estrutura para o funcionamento da linguagem, e provocam uma relação contraditória, ou seja, uma tensão entre o mesmo e o diferente, ou melhor dizendo, entre o parafrástico e o polissêmico. Vale lembrar que essa relação se dá por que não há um sem o outro, portanto não haveria o diferente se não houvesse o mesmo.

“O processo parafrástico é o que permite a produção do mesmo sentido sob várias de suas formas (matriz da linguagem) e o processo polissêmico é o responsável pelo fato de que são sempre possível sentido diferentes, múltiplos (fonte da linguagem)” (Orlandi, 1993 - p.20).

Na polissemia encontramos a força da linguagem, pois ela desloca o mesmo, o garantido e o sedimentado, criando um conflito entre o texto e o contexto sócio-histórico.

Segundo Orlandi no discurso podemos observar a tipologia que está relacionada com a paráfrase e polissemia, pois o discurso autoritário tende para a paráfrase, ou seja, tende para o mesmo, pois se procura manter um só sentido, tornando-se não somente dominante, mas única, já o discurso lúdico é todo polissêmico, pois permite a multiplicidade de sentido, no entanto o discurso polêmico, controla a polissemia e a paráfrase, permitindo a possibilidade de mais de um sentido, mas não se deve atribuir um valor específico a qualquer um dos tipos, que não haja um valor assim dizendo este é melhor que aquele, pois a diferença e o valor dependerá das condições de produção.

Para analisar as condições de produção do sujeito, deve-se primeiramente observar as marcas deixadas no texto, bem como todo o seu funcionamento, as formações discursivas e as formações ideológicas, pois é no discurso que ocorre toda a existência material das ideologias.

Dentro da AD encontramos definições sobre formação ideológica (FI) e formação discursiva (FD), sendo que somos constituídos ideologicamente por várias formações discursivas.

“Cada formação ideológica constitui assim um conjunto complexo de atitudes e de representações que não são nem “individuais” nem “universais”, mas se relacionam mais ou menos diretamente as posições de classe em conflito umas em relação às outras” (Brandão, 1997).

Já em relação a formação discursiva, percebemos que é ela que determina o que pode e deve ser dito. Sendo que o sujeito falante, só pode concordar ou dar sentidos as palavras a partir de um determinado espaço sócio-histórico, pois as palavras recebem seu sentido de acordo com a formação discursiva em que são produzidas como afirma Orlandi.

“As palavras mudam de sentido segundo as posições daqueles que as empregam. Elas tiram seu sentido dessas posições, isto é, em relação as formações ideológicas nas quais essas posições se inscrevem... Uma palavra recebe seu sentido na relação com as outras

da mesma formação discursiva e o sujeito-falante aí se reconhece”. (Orlandi, 1993 - p. 58)

Dependendo do lugar de onde o sujeito fala e de sua FD é que se reconhece toda a sua FI. É difícil dizer que o sujeito possui uma ou outra FI, pois são muitas as instituições que o sujeito participa e em cada uma delas são determinadas por diferentes formações discursivas e ideológicas. Para Orlandi, a FD e o lugar em que o sentido se constitui e o sujeito se identifica, colocando-se como o dono do dizer e tornando-se único, sem perceber a opacidade e a não transparência do discurso, sendo que é no discurso que se produz o “deslize de sentidos””, esses deslizes muitas vezes ocorrem através do efeito metafórico, sendo este o lugar onde a língua e a história se ligam e são materialmente determinadas, portanto é neste lugar onde se define todo o trabalho ideológico.

Nesse processo de constituição discursiva o sujeito se desloca, ocasionando o apagamento e a individualização do sujeito. Todo enunciado é suscetível de tornar-se outro, ocorrendo assim um “deslizamento de sentido”, até por que em um determinado lugar o seu sentido será diferente, nesse momento é que o sujeito se desloca discursivamente de um sentido para outro. Quando ocorre o deslocamento do sujeito, ele apropria-se do lugar do outro, se identificando como “eu”, se responsabilizando por aquilo que diz e tendo a ilusão de ser origem e fonte do seu discurso, a isso a AD chama de apagamento como afirma Orlandi.

“O “apagamento” não tem um sentido negativo, pois ele é a própria possibilidade de

transmutação do sujeito em suas múltiplas formar e funções; e ao colocar-se socialmente, o sujeito-autor se percebe subjetivamente. O apagamento é constitutivo do sujeito. É um modo de existência do sujeito, um procedimento pelo qual ele se constitui. Em resumo: o apagamento faz parte das condições de produção do sujeito.” (Orlandi, 1993)

Quando ocorre o apagamento do sujeito no processo discursivo, ele se individualiza, pois é constituído por ideologias e historicamente determinado, por formação social que lhe atribui autonomia, todavia o considera determinado pela sua relação com a exterioridade, através desse mecanismo individualizante o sujeito pensa construir sozinho, sendo absoluto no que faz, e impondo o sentido sobre os outros.

“Essa exigência mostra, na realidade a necessidade que temos de um sujeito individualizado, visível, calculável, logo, identificável e, portanto, passível de controle. Um sujeito que se apresente com coerência, com certa permanência (duração), certa especificidade, e do qual se pode dizer algo, podendo-se, consequentemente, ter

dele um certo domínio” (Orlandi,1993 - p.105).

Se são o histórico e o social que determinam o sujeito, o sistema em que vivemos, no caso, o capitalismo tende a querer manipular o sujeito e o sujeito sucessivamente tenta manipular o outro, por isso, acredito ser importante refletir esse processo em que o sujeito se constitui como único e se coloca como: “Eu digo, eu penso, eu afirmo, eu sou”.

CONHECENDO A HISTÓRIA E O SUJEITO

Para buscar o objetivo desta pesquisa, estarei trabalhando com o discurso produzido pelo prefeito Décio C. Maniçoba (em anexo). Para que o possível leitor desta pesquisa contextualize esse discurso, estarei reconstituindo um pouco dos fatos históricos que marcaram a política do município de Pontes e Lacerda.

As primeira notícias do que hoje se chama Pontes e Lacerda, foi em 1784, quando elaboraram uma operação, na qual participaram o Coronel Ricardo Franco de Almeida Serra e os astrônomos e cartógrafos Antônio Francisco da Cunha Pontes e Francisco José Lacerda e Almeida, sendo que os sobrenomes “Pontes” e “Lacerda”, deram origem ao nome da cidade.

Pontes e Lacerda está localizada no sudoeste do estado de Mato Grosso, a margem direita do Rio Guaporé.

Devido ao seu desenvolvimento progressivo Pontes e Lacerda foi elevada a Distrito de Vila Bela da Santíssima Trindade, através da lei n.º 3813, de 06 de dezembro de 1976 pelo governador José Garcia Neto e em 29 de dezembro de 1979 através da lei n.º 4167 o governador Frederico Carlos Soares de Campos sancionou esta lei onde Pontes e Lacerda deixou a categoria de Distrito para município. Apesar da lei ter sido criada em 1979, o município só foi instalado em janeiro de 1981, quando o 1º Administrador o Sr. Gercino R. Souza tomou posse e governou até 1983 ainda neste ano, tomou posse o 1º prefeito eleito o Sr. Dionir de Freitas Queiroz, que administrou cidade por seis anos.

Em 1989, houve novas eleições, onde elegeu-se como prefeito o Sr. Dauri Alves Mariano, seu mandato foi até 1993.

De 1993 à 1995, o Sr. Dionir de Freitas Queiroz e seu vice-prefeito Décio Cipriano Maniçoba, assumiram a administração do município.

No ano de 1996, o Sr. Décio C. Maniçoba, foi eleito como prefeito com aproximadamente seis mil votos. O seu mandato iniciou no dia 1º de janeiro de 1997.

No final de 1998, os vereadores montaram um Comissão Parlamentar de Inquérito (C.P.I) para apurar o ocorrido como as verbas liberadas por um convênio para a construção de um escola no Rio do meio na comunidade do Serro Azul, que até o momento não havia sido construída. Mas como a Câmara não possuía uma legislação específica tratando do assunto o processo foi encaminhado para o Ministério Público. Logo em seguida o prefeito em exercício solicitou uma licença médica por seis meses. No entanto alegando não ser necessário o cumprimento de toda a licença retornou no prazo de três meses.

Após o seu retorno a Promotoria de Justiça recebeu denúncias anônimas de que o prefeito Décio C. Maniçoba teria recebido verbas do Governo Federal, através de convênios como o Fundo Nacional de Saúde (FNS) e Departamento de Previdência e Assistência Social para aquisição de equipamentos hospitalares e construção de um Centro de Geração de Empregos, porém mesmo tendo recebido as verbas não executara os convênios.

A empresa contratada para o fornecimento do material, havia recebido e emitido notas fiscais e não entregou os respectivos materiais, só vindo a fazê-lo quando os dois equipamentos, aparelho de raio x e mesa cirúrgica, já estavam instalados, fato ocorrido em meados de abril de 1999. Constataram também que o aparelho de raio x antes pactuado, foi substituído por outro de maior capacidade.

Com esses acontecimentos o poder legislativo do município, ou seja, os vereadores instauraram uma Comissão Processante (C.P), na qual investigaram as

denúncias contra o prefeito. O julgamento foi no dia 25 de agosto de 1999, sendo o veredicto final pela cassação do seu mandato, assumindo a administração municipal o Sr. João Bento Neto.

Como pesquisadora não estarei julgando ou analisando o que foi ou deveria ter sido feito pelo prefeito, até por que inicialmente a opção para o último trabalho do Curso de Letras, foi por analisar um discurso político.

A preferência pelo discurso do prefeito Décio é pelo fato de poder analisar algo que faça parte de nossa história, sendo esse um discurso proferido para todo um município, no entanto como uma abertura ilimitada de análise, podendo outros pesquisadores partirem do ponto em que deixarei analisado, pois a tarefa do analista do discurso é a de compreender como o sujeito produz sentidos. Este será o recorte da análise, observar as posições e os deslizes que ocorre naturalmente no processo discursivo do sujeito.

AGORA É TUDO OU NADA

Tanto na oralidade como na escrita, usamos recursos gramaticais e estilísticos para organizar a fala. Dependendo do lugar que falamos ou/e nos expressamos escolhemos essa ou aquela forma de melhor reproduzir o discurso, essas formas são as artimanhas da linguagem. Um desses recursos é a retórica. Dentro da retórica os processos mais utilizados são as comparações, as metáforas e as narrativas. A comparação consiste em estabelecer um termo de semelhança entre dois elementos e a metáfora é uma comparação implícita, desde que a comparação não se estabeleça, ou seja, a metáfora relaciona dois seres através de qualidades comuns e a narrativa é a descrição de fatos que possui personagem e ação.

Neste discurso em análise (anexo) encontramos de início o uso de metáfora, podemos perceber isso no momento em que o prefeito Décio fala *esta batalha*, referindo-se ao processo no qual estava sendo julgado, a batalha que se travava fora entre ele e os vereadores, realçando essa metáfora ele se compara a Duque de Caxias que na Guerra do Paraguai falou aos soldados *sigam-me os que forem os ousados*. Nesta comparação à Duque de Caxias, ele pede aos vereadores que sejam ousados e sigam-no. Neste momento ele faz um apelo e pressiona os vereadores para que não os julguem, pois segundo ele o seu ato não fora um crime para ser punido com a suspensão do seu mandato, como podemos observar a seguir:

...senhoras e senhores que vieram assistir, ouvir e sentir durante este dia 25 de agosto de 1999, esta batalha o dia do soldado travou-se uma batalha o povo pacientemente está aguardando o veredicto dos vereadores e por falar no dia do soldado e dos soldados aqui presentes eu não poderia esquecer Duque de Caxias quando na difícil

missão de conduzir o exército falou para as tropas aliadas sigam-me os que forem os ousados, corage de seguir o Duque de Caxias na célebre batalha...

Como todo sujeito nesse processo o prefeito Décio sofre os efeitos ideológicos, ele pensa ser único e que o sentido do seu discurso é transparente, sem perceber que todo discurso produzido pelo sujeito depende de suas representações históricas e sociais.

De acordo com Orlandi a metáfora é a base da significação, sendo ela o efeito de uma relação significante, pois é a substituição de uma palavra por outro. Toda palavra recebe seus sentidos de acordo com as formações discursiva nas quais se inscrevem e todo o lugar metafórico faz parte de um espaço da ideologia.

Para melhor se defender, o sujeito Décio faz uma narração da sua vida, desde a sua chegada em Pontes e Lacerda, e se coloca como uma pessoa que seria incapaz de fazer mal a alguém, como nos mostra o trecho abaixo:

...comecei a trilhar aqui em todas as veredas na mata medindo fazendo medição topográfica me adentrei de São Domingos ao Matão a Conquista a todos os recantos deste município quando Pontes e Lacerda ainda não era cidade nunca levei comigo um estilingue para atirar uma pedra sequer num passarinho...

O prefeito Décio assume neste momento o lugar do sujeito (orador) que experimenta o lugar do ouvinte através do seu próprio lugar de orador, pois cada orador sabe o que o outro espera ouvir dele, fazendo uma antecipação do que o ouvinte vai pensar e em cima disso produz o seu discurso.

Para reafirmar sua inocência, ele faz novamente uso de recursos retóricos, se comparando a histórica bíblica de Madalena que foi levada a julgamento e todos queriam lhe apedrejar, mas Jesus Cristo disse a multidão aquele que não tiver pecados, que atire a primeira pedra, então naquele momento o povo percebeu, que todos eram pecadores e assim não tiveram coragem de atirar uma pedra que fosse nela. Nestas condições se colocava o prefeito Décio no dia do seu julgamento, como uma pessoa indigna de receber tais pedradas, ainda mais sendo por pessoas que compartilhavam o poder público municipal ao seu lado.

Como todas as pessoas conhecem esses ensinamentos bíblicos, ele tenta trazer para si a piedade humana, usando todos os recursos para recuperar o que havia perdido, ou seja, a sua imagem de bom prefeito e homem honesto, como podemos verificar a seguir:

...todos nós sabemos que certa vez Madalena foi levada aos pés de Cristo certa vez certa vez na história que vai chegando agora no ano 2000 isso aconteceu no passado e todos estavam apedrejando apedrejaram e todos se achavam limpos livres como quem nunca comete-se nenhum pecado no entanto emudeceram e silenciaram e deixaram as mãos caírem naturalmente quando Jesus interrogou atire a primeira pedra aquele que não tiver pecado me atirem as pedras sim estou aqui disposto a receber todas as pedradas que forem possíveis...

Reforçando esse recurso bíblico, o prefeito vai ainda mais longe se comparando ao próprio Jesus Cristo que foi ao calvário por nós pecadores, só que como pecadores nós humanos não temos nem o direito de pensar em nos comparar a Cristo. Com isso

ele tenta mais uma vez persuadir os vereadores, para não serem como as pessoas que crucificaram Jesus, e se arrependessem antes que fosse tarde demais.

...eu me lembro muito bem de uma grande antítese Cristo um dia foi ao calvário e lá muitos o condenavam dessa feita apareceu alguém que viu o grande erro que cometia portanto me lembro muito bem aqui quando para encerrar minhas palavras Pedro de Paula Barbosa escreveu dizendo na hora em que Dixofre a cruz penetrou na terra sacudindo violentamente Jesus pendente nos seus braços tão imensa foi a dor que não podendo sopear nova crise de sofrimentos soltou um grande profundo grito que fez estremecer a natureza toda se pungente brado não encontrou eco nos corações de pedras as pedras se fizeram corações...

Neste último momento ele usa um recurso metafórico *corações de pedras* para se referir aos vereadores, que após todos os seus apelos e súplicas, continuavam irredutíveis, então resolveu chamá-los de *corações de pedras* para ver se conseguia amolece-los, pois se eles votassem a seu favor, mesmo que o povo quisesse não poderia fazer mais nada.

A ESPERA DO VEREDICTO FINAL

Partindo do pressuposto de que não somos donos dos nossos dizeres e que somente repetimos sentidos já preexistentes, que analiso o discurso (em anexo), pois todo discurso é produzido como sentidos múltiplos. Essa multiplicidade de sentido se dá por que o sujeito é constituído ideologicamente por várias formações discursivas, sendo que ela é que determina o que pode e deve ser dito, pois o sujeito é atravessado por flechas, que estão carregadas de ideologias. O sujeito que analiso é cheio de influências ideológicas e discursivas que vem desde quando ele era um cidadão que trabalhava no INCRA, onde fazia medição topográfica e era considerado um homem honesto, amigo que possuía uma simplicidade que o constituiu durante toda sua vida, como lembra Brandão.

“Cada formação ideológica constitui assim um conjunto complexo de atitudes e de representações que não são nem “individuais”, nem “universais”, mas se relacionam mais ou menos diretamente as posições de classe em conflito umas em relação as outras” (Brandão, 1997).

De acordo como Orlandi as palavras mudam de sentido dependendo da posição do sujeito e da forma como as empregam, sendo que o sujeito, só pode dar sentidos as palavras a partir de um espaço determinado sócio e historicamente, pois as palavras recebem sentido conforme as formações discursivas em que são produzidas. Neste

discurso percebo que há um deslizamento de sentido e do sujeito, pois ele se desloca em sujeito Décio (cidadão) e sujeito Décio (prefeito), com a seguinte colocação *...aonde é que está o crime do Décio...*, neste momento percebemos o deslocamento do sujeito, pois quem estava sendo julgado por erros que afetara toda a população foi o prefeito, que não estava cumprindo com suas obrigações e não o cidadão Décio, pessoa que todos definiam como um bom homem, mas também sabiam que como administrador deixava a desejar, como do seu lugar de sujeito (orador) percebeu o que o ouvinte esperava dele, prontamente apagou o sujeito (prefeito) para falar do sujeito (cidadão) por que sabia que este agradava a população, então ele faz um relato da sua vida como cidadão que sempre deu bom exemplos e por isso foi eleito para administrar a cidade, por que o povo esperava algo novo e diferente, como verificaremos a seguir:

...ainda bem que Pontes e Lacerda conhece muito bem o Décio comecei a trilhar aqui em todas as veredas na mata medindo e fazendo medição topográfica me adentrei de São Domingos ao Matão a Conquista a todos o recantos deste município quando Pontes e Lacerda ainda não era cidade nunca levei comigo um estilingue para atirar uma pedra sequer num passarinho...

Quando ele coloca que *Pontes e Lacerda conhece muito bem o Décio* ele se refere ao Décio pessoa e não ao Décio prefeito, pois a sua administração estava na metade e o povo não tinha total conhecimento do “Prefeito Décio”, podemos perceber isso através das colocações do povo no dia Impeachment, onde todos percebiam o lugar enunciativo do sujeito, pois distinguiam o Décio (cidadão) do Décio (prefeito), percebendo empiricamente que quem havia cometido erros e estava sendo julgado era o prefeito Décio.

O apagamento se dá no momento em que o sujeito apropria-se da linguagem, tomando o lugar do outro.

“... O apagamento é constitutivo do sujeito. É um modo de existência do sujeito, um procedimento pelo qual ele se constitui. Em resumo: o apagamento faz parte das condições de produção do sujeito.” (Orlandi, 1993).

Todo sujeito naturalmente se apropria do discurso do outro, por que faz parte do seu processo de constituição, e por isso esse apagamento não é visto de uma forma negativa. Em outro momento o sujeito do discurso em análise não só se apaga, como apaga também o lugar das pessoas que juntamente como ele levaram a administração do município adiante, até por que uma pessoa não governa sozinha, há sempre outras pessoas que fazem parte e participam direta ou indiretamente de um administração, como podemos verificar em:

...gostaria de dizer que me sinto aqui realmente num quadro que eu jamais esperaria por que Décio teve a coragem de partir daqui di i buscar recursos de não medir esforços e como falei muitas vezes para se conseguir esses recursus a gente tem ônus... por isso Décio está com a canalização do Buriti naquelas alturas... esse clima que hoje se passa aqui senhores não será jamais salutar não será o clima que Pontes e Lacerda precisa de viver por que si Décio for condenado e João Bento assumi Décio vai recorrer até a última instância do tribunal...

Todo esse processo faz parte da individualização do sujeito, que numa sociedade capitalista é muito comum, por que o sujeito é constituído por formações ideológicas e discursivas que são historicamente determinadas, produzindo nele o sentido dominante, ou seja, ele pensa que pode produzir sozinho, sem se ater que ele é um produto da história. Dentro desse aspecto encontramos colocações que comprovam essa individualização do sujeito.

... não vai haver de Décio nenhuma indicação pode fazer essa ultra-sonografia fulano de tal fulano não pode... Décio realmente sem olhar nada de interesse pessoal substitui um aparelho de ultra o aparelho de raio x de 300 de 100 por um de 300 isso custou vinte e quatro mil a mais...

“Há assim, dupla determinação uma determinação interna pelo sujeito e uma determinação externa do sujeito. E aqui vale lembrar que nos mostra com muita lucidez como o poder se inscreve nos aparelhos disciplinares, pelo viés de mecanismos “individualizantes”, contribuindo para fabricar um certo tipo de “individualidade” no caso, a do sujeito capitalista”. (Orlandi, 1993 - p. 105).

Segundo Orlandi, o sujeito de certo modo está amarrado a essa individualidade, por que ele tende a querer ser único na construção de sentidos, mas vale pensar como o sujeito será capaz de produzir sentidos se sua constituição de linguagem e sentidos estão materialmente ligadas. Estes sentidos preexistem, e o sujeito só se apropria de algo preconstruído (o repetível).

Com a troca dos lugares enunciativos entre os sujeitos, o prefeito nas suas colocações acaba se contradizendo, e confundindo os papéis, como veremos em seguida:

...me senti plenamente consciente que cumpri o meu dever di cidadão houveram falhas? Houveram mas ninguém pode negar que foi acontecidas na vontade no afã de trazer o melhor para Pontes e Lacerda...

Como podemos observar ele confunde os lugares enunciativos por que quem cumpriu o seus deveres dia cidadão é o Décimo (pessoa) e não o Décimo (prefeito), o Décimo prefeito deveria ter cumprido seus deveres como administrador do município. Ele se contradiz no momento em que afirma que o erro é do Décimo (cidadão), mas nas suas últimas colocações ele acaba reconhecendo que o culpado e quem estava sendo julgado era o prefeito e não o Décimo (cidadão), como mostra o trecho a seguir:

...gostaria de nesse momento sair daqui convicto de que estou sendo julgado, julgado por homens conscientes julgado por vereadores... não sou prefeito para discriminar ninguém por conta de crédito não, de crédito religioso não sou prefeito que me prendo a misculinhas...

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesta pesquisa, desenvolvi uma reflexão crítica sobre o discurso do sujeito Décio C. Maniçoba, segundo a Teoria da Análise do Discurso.

Dentro de um contexto sócio-histórico, essa teoria verifica a relação do sujeito com a linguagem, de acordo com as suas condições lingüísticas e ideológicas de produção. Neste processo de produção de sentido, o sujeito se desloca, ocasionando assim o apagamento do outro, a individualização e o deslizamento de sentido.

Outro aspecto a se destacar nesta análise são os recursos retóricos utilizados pelo sujeito no seu processo discursivo.

Gostaria de deixar claro que esta análise foi feita de acordo com o tempo disponível, e que está em aberto para que futuramente novos pesquisadores possam estar utilizando novos recursos para analisar esse discurso.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ORLANDI, Eni Pulcinelli. A linguagem e seu funcionamento: as formas do discurso. 2.

Ed. ver. e aum. - Campinas, SP: Pontes, 1987.

_____. Interpretação; autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico

- Petrópolis, RJ: Vozes, 1996.

_____. Discurso e Leitura - São Paulo: Cortez: Campinas, SP:

Editora da Universidade Estadual de Campinas, 1993. (Coleção passando a limpo).

GALLO, Solange Leda. Discurso escrita e ensino. 2 .ed. Campinas, SP: Editora da

Unicamp, 1995.

BRANDÃO, Helena H Nagamine. Introdução à análise do discurso - 6 . ed.

Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1997.

FONTANA, Mônica Graciela Zoppy. Cidadãos modernos: discurso e representação

política. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1997.

PECHEUX, Michel. Semântica e discurso: uma crítica a afirmação do óbvio.

Tradução Eni Pulcinelli Orlandi [et. Al.] 2 . ed. Campinas, SP: Editora da

PINO, Angel. O conceito de mediação semiótica em Vigotsky e seu papel na explicação do psiquismo humano. In: CADERNO CEDES, 24, Campinas - SP.

Papirus, 1991.

ANEXOS

Excelentíssimo Senhor presidente da Câmara , excelentíssimo senhor presidente da Comissão processante vereador Gabriel Bibiano, excelentíssimos senhores vereadores que compõem esta casa, em nome da vereadora Rose saúdo os demais vereadores aqui presente. Nobre advogado Dr. Mário, Dr. Jair, João secretário desta casa, Dr. Rubens Cruz meu advogado constituído. Órgãos da imprensa aqui presente televisionada senhores representantes dos demais segmentos da imprensa, nobres componentes desta casa, senhoras e senhores que vieram assistir, ouvir e sentir durante este dia 25 de agosto de 1999, esta batalha o dia do soldado travou-se uma batalha o povo pacientemente está aguardando o veredicto dos vereadores e por falar no dia do soldado e dos soldados aqui presentes eu não poderia esquecer Duque de Caxias na Guerra do Paraguai vou repetir as palavras de Duque de Caxias quando na difícil missão de conduzir o exército falou para as tropas aliadas sigam-me os que forem os ousados, coragem de seguir o Duque de Caxias naquela celebre batalha... senhoras e senhores vão como dizia Coelho Neto para falar das avelhas das ovelhas o pastor é um sábio para falar da pobreza fala o pobre que nela vive para falar da Guerra fala o soldado que nela foi por isso para falar da lei e do respaldo e toda condução desse processo eu constituí o meu advogado Dr. Rubens Cruz que detalhou item por item aonde é que está o crime do Décio é estranho para mim nesta casa talvez ser condenado por companheiros que de mãos dadas num passado tão próximo estávamos lutando sonhando construindo Pontes e Lacerda hoje interesses políticos diversos... estão levando os meus companheiros a me julgarem quem sabe... é estranho ouvir do meu ex-presidente da Câmara o vereador Dirceu Fidelis colocações como aquelas... ainda bem que Pontes e Lacerda conhece muito bem o Décio comecei a trilhar aqui em todas as veredas na mata medindo fazendo medição topográfica me adentrei de São Domingos ao Matão a Conquista a todos os recantos deste município quando Pontes e

Lacerda ainda não era cidade nunca levei comigo um estilingue para atirar uma pedra sequer num passarinho... fique tranqüilo meu vereador Dirceu Fidelis que eu vou tê o prazer de lhe ver chegar aos oitentas com fé em Deus... gostaria de dizer que me sinto aqui realmente num quadro que eu jamais esperaria por que Décio teve a coragem de partir daqui di i buscar recursos de não medir esforços e como falei muitas vezes para se conseguir esses recursus a gente tem ônus também falei sim e rea e aprovo o que quem quiser ver pode ir lá em Brasília que é prática comum os lópisitas lá em Brasília eu consegui muitos recursus aqui usando de estratégia política como graças a Deus com o Deputado Pedro Henry eu liberei eu não fui aquele que atrela-se interesses outros eu fiz o grande contato com Pedro Henry e até suplentes meus como Castanhal digo vai Castanhal faz um pacto busca o que você puder de apoio para que realmente Pontes e Lacerda seja beneficiada não temia nada... por isso Décio está com a canalização do Buriti naquelas alturas já recebi o termo aditivo do Sr. Ministro José Sarney Filho me garantindo agora a continuidade da obra já foi assinado lá em Brasília o aditivo para chegar os recursus para continuar o Buriti aqui na nossa cidade a grande obra du da minha administração com fé em Deus primeiramente já tиви oportunidades outras como todos os senhores sabe de buscá e olhei por todos os lados, buscar recursus e estô agora a pouco senhores dizendo estou impedidu de já está começando a pavimentação da nossa via de acesso por conta desse julgamento que hoje se passa porque era pratê começado na segunda-feira... esse clima que hoje se passa aqui senhores não será jamais salutar não será o clima que Pontes e Lacerda precisa de viver porque si Décio for condenado e João Bento assumi Décio vai recorrer até a última instância do tribunal... e o qui é que vai instituir senhores é que João Bento não vai ter a credibilidade nos devidos postos di vai chegar o dia que alguém vai dizer João Bento eu não vou lhe fornecer petróleo porque pode sê que o Décio volte e amanhã você não

me paga então esse é o clima que vai gerar para Pontes e Lacerda... Senhores senhor presidente que foi eleito para ser vereador que muito bem nós sabemos o companheiro João Bento foi eleito para se vice-prefeito e Décio foi eleito com quase sete mil votos para se prefeito dessa cidade... vô num simplis gesto olhando para cada um dos senhores vereadores fazer um pedido humilde não me roubem, não me tirem por que são talvez nove votos apenas que estavam derrubando quase sete mil votos que me foi concebido por este povo... continuando eu diria senhor presidente que tem muita gente lá fora muita gente que está aguardando este julgamento e eu como já falou aqui o meu advogado me senti plenamente consciente que cumpri o meu dever di cidadão houveram falhas? Houveram mas ninguém pode negar que foi acontecidas na vontade no afã de trazer o melhor para Pontes e Lacerda não gostaria senhores... não gostaria senhores de que a algum vereador ignorasse que está lá no centro municipal de saúde o aparelho de ultra-sonografia e o restante de todo o equipamento que vai servir a população carente não só carente mas como já falou o Dr. Rubens a toda a nossa cidade não vamos criar nenhuma clientela não vai haver de Décio nenhuma indicação pode fazer essa ultra-sonografia fulano de tal fulano não pode não é disso coloque um secretário de saúde que exerce o cargo com aquele direito com aquele dispreendimento livre para realizar todas ações eu confio eu quando delego a competência delego realmente a competência para ser exercida por u o secretário de saúde nós temo realmente que elogiar o nosso secretário de saúde que na hora certa convocou mais de sete médicos e disse: porque não substituir esse aparelho de raio X por um mais potente e Décio realmente sem olhar nada de interesse pessoal substitui um aparelho de ultra o aparelho de raio X de 300 de 100 por um de 300 isso custou vinte e quatro mil a mais... gostaria Sr. Presidente, Sr. Presidente da Comissão Sr. Filogonio Ferreira da Silva que substituiu o Francisco Martins momentaneamente gostaria de nesse momento

sair daqui convicto de que estou sendo julgado, julgado por homens conscientes julgado por vereadores meus companheiros e por que não dizer até os que não foram companheiros de palanque porque eu jamais discriminei nenhum só vereador acolhi passei por problema sim passei muitas vezes... mais é difícil para mim ver neste dia companheiros que estavam fora de votação mas devido tanta pressão que aconteceu tirarem um voto líquido e certo que eu sabia de um Castanhal que ficou fora... é difícil pra mim saber que está havendo está sendo trabalhado tudo isso aí e o vereador o vereador por exemplo Geraldo Ramos que tantas vezes tivemos naquela luta lá pelo São Domingos a fora o Valmir lá na Conquista... Vereador Geraldo Ramos, vereador Valmir eu só diria aqui uma coisa eu parece que me sinto hoje aqui como que eu estive sendo levado por um tornado por uma avalanche é eu vou passando levado por essa onda que eu não entendo muito bem mas sei que é uma ar é uma arquite é uma arquitetura política momentânea onde existe realmente interesses outros para condenar o Décio... Vai ser meio difícil Geraldo Ramos você vê o seu companheiro do passado como que tivesse sido levado por uma enchente e fazendo um aceno pedindo Geraldo estende a mão e prende aqui não deixe as águas me levarem a fora por esse mundo e você friamente olhar e dizer não vou votar em Décio não vou respaldar o Décio por que o Décio cometeu os erros que todo o povo já ouviu e a a leitura do processo e acredito que se ele saísse dali e se colocasse no seu lugar diriam pra você não vejo crime para condenar o Décio então vou lhe pedir não me condene também faça por si o seu julgamento sem essa influência política que se passa a mesma posição eu falo aqui com o vereador Valmir Guse a mesma posição eu falo Sr. Zé Bernardo com todo respeito por eu sei e estive visitando lá os obreiros, lá a Assembléia de Deus e todos fizeram uma avaliação i em momento nenhum desconhecaram realmente aquela transparência, aquela maneira a coerência do Décio

para atender a todos os pedidos que me foram feitos dentro das possibilidades não discriminei não sou prefeito para discriminar ninguém por conta de crédito não, de crédito religioso não sou prefeito que me prendo a misculinhas eu agora não quero também me alongar muito por que o veredicto o voto é dos senhores mais é bem certo eu gostaria di nesse dia saber que também comparando mal todos nós sabemos que certa vez Madalena foi levada aos pés de Cristo certa vez, certa vez na história que vai chegando agora no ano 2000, Isso aconteceu no passado e todos estavam apedrejando, apredjaram e todos se achavam limpos, livres como quem nunca comete-se nenhum pecado no entanto emudeceram e silenciaram e deixaram as mãos caírem naturalmente quando Jesus interrogou atire a primeira pedra aquele que não tiver pecado me atirem as pedras sim estou aqui disposto a receber todas as pedradas que forem possíveis, mas me julguem aqueles que estivessem no meu lugar não cometeria esses pecados portanto os pecados sanáveis, pecados possíveis de serem corrigidos, não serceem a minha defesa nessa noite, espero o veredicto e por fim eu me lembro e para encerrar minhas palavras Sr. Presidente eu me lembro muito bem de uma grande antítese Cristo um dia foi ao calvário e lá muitos o condenavam dessa feita apareceu alguém que viu o grandí erro que cometia portanto me lembro muito bem aqui quando para encerrar minhas palavras Pedro de Paula Barbosa escreveu dizendo na hora em que Dixofre a Cruz penetrou na Terra sacudindo violentamente Jesus pendente nos seus braços, tão imensa foi a dor que não podendo sopear nova crise de sofrimentus soltou um grande profundo grito que fez estremecer a natureza toda se pungente brado não encontrou eco nos corações de pedras as pedras se fizeram corações e tenho dito. Obrigado.